



SUJEITO, LEITURA E CONTEXTO: A FORMAÇÃO DO LEITOR E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Jerônima Ana de Jesus¹
Sandra Maria Araújo²

RESUMO - O presente estudo traz considerações sobre a leitura como um processo de compreensão e apreensão de sentidos, levando em conta o educando como sujeito ativo e interativo nesse processo. Reflexões sobre a formação do leitor na universidade são feitas, tendo em vista os fatores que contribuem para a não formação de bons leitores na Educação Básica e os reflexos disto no desempenho linguístico do estudante universitário. Além disso, ressalta-se o papel do docente universitário, como facilitador e mediador do ensino da leitura, para que se formem leitores proficientes, sujeitos de leitura. Considera-se que a leitura é um processo de construção de significados, apreendidos na interação leitor-texto-autor, observadas as condições de produção. Os caminhos para a formação de leitores nessa perspectiva dependem da desconstrução das concepções de leitura, trabalhadas ao longo da formação básica do educando.

PALAVRAS-CHAVE - leitura, sujeito, formação.

ABSTRACT - This article brings considerations for reading as a process of understanding and acquisition of sense, taking into account the educating active and interactive as subject for this process. Reflections on the formation of the reader at the University are made regarding the factors that contribute to good readers not training in basic education and the reflections of this linguistic performance of college student. In addition, emphasizes the role of the lecturer, as facilitator and mediator of education in reading, to be formed proficient readers, subjects of reading. It is concluded that reading is a process of constructing meanings, seized in interaction-text reader-author, which observed the conditions of production. The paths to the formation of readers in mind depend on deconstruction of conceptions of reading that worked along the basic training of the student.

KEYWORDS - reading, subject, training

INTRODUÇÃO

¹ Especialista em Estudos da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UNIVERSO/GO; em Linguística textual pela UFG/GO e em Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia, Barra do Garças - MT. Professora de Ensino Fundamental e Médio, aposentada pela Secretaria Municipal de Ensino de Goiânia-Go; professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - Barra do Garças - MT. E-mail: jeronimaana@hotmail.com

² Mestre em Educação à Distância pela Universidade Federal do Ceará (UFC); especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Cacoal – RO e em Educação Interdisciplinar pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – Barra do Garças – MT. Professora de Ensino Fundamental pela Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso – MT e do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - Barra do Garças MT. E-mail: sandramar_s@hotmail.com



Pretende-se, neste estudo, apresentar algumas considerações sobre a importância da leitura no processo de formação global do indivíduo, na perspectiva da construção de sujeitos agentes, com autonomia de pensamento e de expressão. Busca-se, ainda, refletir sobre o papel do professor, desencadeador dos mecanismos que possibilitam a realização desse processo, a fim de que a aprendizagem seja significativa. Embora a leitura esteja presente no cotidiano das relações sociais, já que as ações e reações do ser humano são determinadas pela sua forma de pensar e ler o mundo, no ambiente escolar, ela tem sido tratada com certo grau de artificialidade e descontextualização, impossibilitando sua realização de forma satisfatória.

A língua é formada por um conjunto de formas linguísticas e apresenta muitas variedades, visto que é heterogênea e dinâmica, sofrendo influências do meio social, no processo de interação dos indivíduos. Dessa forma, a compreensão e a apreensão de sentidos acontecem de maneira ativa, nas práticas sociais dos indivíduos, sujeitos agentes do processo de construção de seu conhecimento.

Estudos e pesquisas realizados nos últimos anos pela Linguística Textual apontam como objeto particular de investigação **o texto**, tido como a “unidade básica de manifestação da linguagem” (KOCK, 1993). O texto é, pois, uma unidade complexa de significação, já que os mecanismos que concorrem para a sua legibilidade vão além da estrutura textual. Passam pelas condições de produção: o mundo partilhado entre os interlocutores, o contexto social e a situação de interlocução.

É a partir desta compreensão que são feitas considerações e reflexões sobre a leitura e o sujeito educando universitário. Analisa-se, também, o papel do docente nesse processo, na perspectiva de que este contribui significativamente para a formação do sujeito-leitor autônomo.

LEITURA E SUJEITO

Martins (2007, p.31) defende uma concepção de leitura que garante um estudo aprofundado do assunto e a sua realização de forma ampla: “processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos”.

Assim, a autora considera a leitura como a compreensão de expressões formais e simbólicas, manifestas por meio de qualquer linguagem. O ato de ler mobiliza várias formas



de expressão do fazer humano, estabelecendo uma relação histórica entre o leitor e o que é lido. É um processo que envolve não só a relação texto-leitor, mas também as circunstâncias dadas no ato de sua realização, como o estado emocional, um conflito, uma imposição. Tudo isso contribui para uma boa ou uma má leitura.

Orlandi (1996) concebe a leitura como um processo que ultrapassa a interação leitor-texto, leitor e condições imediatas de produção. Afirma que alguns fatos se impõem quando se pensa a leitura como interpretação e compreensão de sentidos: há múltiplos e variados modos de leitura. O sujeito-leitor tem suas peculiaridades e sua história e que a vida intelectual do ser humano está relacionada aos modos e efeitos de leitura, num dado momento histórico e à sua inserção num determinado grupo social. Tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados pelas condições histórico-ideológicas, ou seja, o leitor produz leitura de acordo com sua vivência, suas expectativas, seus valores, enfim, de acordo com o seu contexto social.

Para Kleiman (1995), é “durante a conversa” sobre os aspectos relevantes do texto que o leitor vai compreendê-lo. O processo de interação que se estabelece na exploração do texto garante a construção da compreensão conjunta do mesmo. A autora critica as concepções de leitura: leitura como pura decodificação, leitura como avaliação, leitura única, estabelecida para o texto, tidas estas como práticas desmotivadoras e inibidoras desse processo. Afirma que uma prática alternativa de leitura pressupõe uma concepção de saber linguístico vinculado ao uso efetivo da linguagem.

Nessa mesma linha de análise, Fulgêncio e Liberato (1992, p.13) afirmam que “a compreensão de textos é um processo complexo em que interagem diversos fatores como conhecimentos lingüísticos, conhecimento prévio a respeito do assunto, conhecimento geral a respeito do mundo, motivação e interesse na leitura”. Portanto, uma leitura que se pretende eficaz e eficiente deve levar em conta a realidade de vida dos sujeitos envolvidos e especialmente seus interesses. Ler é ir além dos significados extraídos da estrutura superficial do texto. É inteirar-se da pluralidade de vozes e autorias as quais compõem o texto, é ter acesso aos múltiplos significados do contexto social.

Como bem expressa Orlandi (1996, p.116), “compreender, eu diria, é saber que o sentido poderia ser outro.” Com esta afirmação, a autora chama a atenção para a leitura polissêmica; não qualquer leitura, mas as leituras possíveis, levando em conta as intenções do autor, o tema proposto, o contexto histórico, o sujeito-leitor e as condições de produção.



LEITURA, SUJEITO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

As várias concepções de leitura apresentadas destacam o papel do sujeito-leitor no desvendamento da leitura e a importância do contexto para a sua plena realização. O processo de compreensão e apreensão de sentidos pressupõe um leitor ativo e interativo, o qual estabelece uma relação de interatividade e complementaridade no ato de ler. Mobiliza conhecimentos prévios, fazendo inferências, ou seja, trazendo para o contexto da leitura os seus conhecimentos, de acordo com sua vivência e seus valores.

Orlandi (2006) afirma que a apropriação da linguagem é um processo social. O leitor interage não só com o texto, mas também com outros sujeitos. Há um jogo existente entre “leitor virtual” - inscrito no texto - e “leitor real” - que está diante do texto - os quais concorrem para a instauração de sentidos. Segundo a mesma autora, “leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo.” (1996, p.10).

Laraia (2004, p.52) diz que “a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”.

Desse modo, as situações concretas de uso da linguagem possibilitam ao homem construir-se enquanto sujeito, agir e interagir com a comunidade e, conseqüentemente, formar hábitos, costumes, valores; enfim, fazer história e construir cultura, por meio das leituras que realiza do meio e com o meio. Considera-se, pois, o sujeito-leitor também sujeito-autor, participante ativo no desvendamento e atribuição de sentidos à leitura.

Quanto às condições de produção, todas as concepções de leitura citadas se referem aos aspectos que estão fora do texto, mas que interferem nele: o contexto e a situação. A legibilidade do texto, isto é, a sua compreensão depende das condições em que o mesmo é produzido.

Costa Val (1994), em “Redação e Textualidade”, analisa o que chama de fatores pragmáticos de textualidade: **a intencionalidade** diz respeito às intenções do autor. Qual seja sua intenção – persuadir, informar, divertir – deve construir seu texto, levando em conta o possível leitor, para que o processo comunicativo possa se efetivar. Deve considerar a **aceitabilidade** do leitor, ou seja, o autor necessita levar em conta o destinatário e produzir um



texto convincente e acessível, tendo em mente o leitor como parte integrante do processo de construção de sentidos. O discurso será tanto mais coerente quanto mais levar em conta o contexto sociocultural no qual está inserido. É o que a autora denomina de **situacionalidade**: a capacidade do autor de considerar as condições do leitor para preencher os vazios textuais com as informações e inferências que realiza, de acordo com seu conhecimento de mundo. Outro fator apresentado como importante para a legibilidade é a **informatividade**. Esta se refere à previsibilidade do discurso. Um texto será tanto mais informativo quanto mais apresentar informações novas ao destinatário. Ressalta, no entanto, que essas informações devem fazer parte do mundo conceitual do leitor para garantir aceitabilidade. A autora acrescenta, ainda, um requisito básico para a garantia do bom índice de informatividade: a **suficiência de dados** que diz respeito à qualidade de dados necessários à compreensão efetiva do texto. Por último, cita a **intertextualidade** como fator fundamental para a compreensão da leitura. Caracteriza-se pelas sequências linguísticas tomadas de outros autores para ilustrar, enriquecer ou reforçar o discurso; mecanismo muito usado, tanto no discurso oral quanto no escrito, pelos usuários da língua.

Com relação à intertextualidade, Orlandi assim se manifesta:

nesse nível (o textual) entra em consideração o fato de que todo texto é necessariamente incompleto. Está em causa, então, a relação do texto com outros textos (a intertextualidade), a relação do texto com as experiências do leitor tanto em relação à linguagem como em relação ao seu conhecimento de mundo, sua ideologia, etc. (ORLANDI, 2006, p.199)

A autora acrescenta, ainda, que nas condições de produção merecem referência os diferentes leitores que apresentam níveis variados de experiência com a linguagem. A maior ou menor experiência vai determinar níveis diferentes de leitura. Além do mais, considera dois tipos de leitura fundamentais nesse processo: a “leitura parafrástica, que se caracteriza pelo *reconhecimento* (reprodução) do sentido dado pelo autor, e leitura polissêmica, que se define pela *atribuição* de múltiplos sentidos ao texto.” (op. cit., p.200)

Nesse caminho de análise, como pensar o ensino da leitura na universidade e qual a contribuição do docente na formação do educando universitário? Algumas reflexões são necessárias.

A FORMAÇÃO DO LEITOR: O PAPEL DO PROFESSOR



Kleiman (2008), analisando o ensino da leitura na educação básica, afirma que práticas utilizadas pelos professores em sala de aula têm sido inibidoras do desenvolvimento da capacidade de compreensão no ato de ler. A imposição de uma leitura única, a do professor, a leitura feita exclusivamente para a avaliação, a leitura realizada unicamente para o estudo dos aspectos gramaticais têm minimizado a importância dessa atividade como construtora de significados e impedido a formação de leitores proficientes. Daí seus reflexos danosos para o estudante universitário.

O educando traz para seus estudos a visão restritiva de leitura como decodificação mecânica de signos linguísticos (MARTINS, 2007) e o livro didático como o mecanismo único de transmissão do conhecimento. Kleiman (2008, p.155) faz severas críticas ao uso desse recurso afirmando: “defendemos a tese de que a análise do livro didático em relação a princípios cooperativos na interação através da leitura leva a concluir que o texto didático, além de difícil leitura, é incoerente”. Porém, relativiza a responsabilidade do professor nesse contexto:

O professor, trabalhando em condições precárias, não conta com material didático adequado, isto é, material baseado em concepções adequadas de linguagem, leitura e aprendizagem. Também, a própria prática do professor muitas vezes apenas ecoa o livro didático, assumindo essa inadequação. (op. cit.)

Portanto, a discussão da formação do leitor na universidade não deve ignorar tais fatos. Além do mais, há de se considerar que, ao chegar à universidade, o leitor já possui uma formação ou má formação mais ou menos sólida em leitura. É necessário desconstruir a concepção de leitura como decodificação mecânica e estabelecer um processo de construção de uma nova concepção, considerando o educando sujeito ativo e interativo nesse processo, como já explicitado.

Segundo Witter (1997, p.9), “subjacente a todas as atividades universitárias está a leitura. Subjacente à leitura está o saber-fazer-poder da ciência gerada na universidade e que resulta em estratégias de ensino e aprendizagem”. A autora afirma que é de responsabilidade da universidade não só formar professores e pesquisadores na área de leitura, mas também de melhorar as condições daqueles que ingressam naquela instituição com sérios problemas nessa área. (O que é uma tarefa árdua, mas fundamental!) Ressalta que, embora as várias



linguagens sejam importantes, o texto que predomina ali é o técnico-científico e que a este deve ser dada prioridade.

Pode estar aqui a razão primeira das dificuldades de leitura na universidade: se ao longo da formação básica o educando tem como recurso principal de transmissão do conhecimento o texto didático; se o ensino da escrita é feito com base em três tipos de composição - narração, descrição e dissertação - como exigir que ele leia com eficiência o texto técnico-científico? Como supor que ele desvende o texto acadêmico que muitas vezes ignora a condição sujeito-leitor? Como exigir que ele produza textos claros, coerentes, mantendo fidelidade às ideias do autor? Como esperar que ele reflita e se posicione sobre o conteúdo apresentado, se sua prática de leitura foi de reprodução? Como esperar que ele opine e argumente com consistência, se esta prática não fez parte de sua formação escolar? Como esperar que ele produza os diferentes textos acadêmicos com correção e adequação às normas exigidas? É importante lembrar que uma boa escrita pressupõe uma boa leitura. Mesmo que a relação leitura e escrita não seja mecânica, isto é, quem lê bem pode apresentar dificuldades de se expressar por escrito, a prática permanente da leitura não só garantirá um leque maior de dados e informações para a produção textual, mas também possibilitará o desenvolvimento das habilidades de escrita.

São reflexões que objetivam pensar o ensino da leitura, possibilitando aprendizagem significativa, não importando a área de estudo do educando. Pensa-se a formação do leitor universitário como um processo que requer do docente a observação das condições dadas. É preciso ensinar sem esperar o aluno ideal e pronto para as tarefas que se apresentam. Às vezes, é necessário começar do começo. A redundância é para que se pense no ensino, não como sequência de estudos, mas como um processo, uma retomada ou volta ao que deixou de ser feito ou feito de modo satisfatório. Esse contexto não pode ser esquecido se tem como propósito o crescimento e o êxito do educando.

É bastante interessante a conclusão de Faraco e Tezza a respeito do ensino da língua no contexto escolar. Para eles,

o domínio da língua padrão não representa simplesmente o domínio de certas regras de concordância, de regência, de todos os aspectos que dizem respeito à técnica da oração. Este domínio é apenas ponto de partida do que é importante: o texto. Quem escreve bem escreve **bons textos** e não **boas**



frases! Este é o ponto de partida que não devemos perder de vista e que oferece mais dificuldade, justamente porque a **noção de texto** está ausente nas gramáticas tradicionais e, na prática, ocupa um espaço muito pequeno no ensino escolar da língua. (FARACO E TEZZA, 1992, p.35)

Pode estar aqui uma boa explicação para a produção de textos mal estruturados. Se se trabalha o estudo da língua de forma abstrata, através de frases soltas e desconexas, não se pode esperar que o estudante expresse o pensamento de forma coerente e coesa; se se lê apenas para decodificar e submeter-se à avaliação, não se pode esperar que o aluno perceba e construa significados para as leituras que realiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo realizado, a leitura exerce um papel fundamental na formação de leitores, com visão crítica e com autonomia de pensamento e expressão. Para isso, o ato de leitura deve considerar o leitor sujeito que age e interage no processo de compreensão e apreensão de sentidos.

Além do mais, o contexto social e as situações de interlocução contribuem para a realização de uma leitura proficiente. O leitor, em contato com o texto, mobiliza seus conhecimentos de mundo, suas vivências, seus valores, seus interesses, e estabelece interação com o texto, partilhando conhecimentos e extraindo dele maior ou menor grau de informação e reflexão, de acordo com seu nível de linguagem. Assim, ler com eficiência pressupõe uma série de requisitos extralinguísticos, relevantes para a compreensão do texto, quando se tem como foco o leitor, sujeito de leitura.

Portanto, o docente universitário, no papel de facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem, deve estar consciente do desafio de trabalhar a leitura, considerando a realidade trazida pelos estudantes, cuja formação aconteceu, na maioria dos casos, de forma deficiente. A formação básica, norteadada pelo estudo referenciado no livro didático, o estudo da língua feito predominantemente através de regras gramaticais, a leitura do texto feito de forma fragmentada e literal comprometem, quase sempre, a aprendizagem do aluno. Dessa forma, o caminho a ser trilhado passa pelo estabelecimento de novos parâmetros para o ensino, os quais tenham o objetivo de propiciar aos educandos aprendizagens significativas.

Espera-se que esse recorte de análise e reflexões possa contribuir para o debate desse tema tão instigante e complexo. A leitura polissêmica, com os mais diferentes tipos de



textos e linguagens, nos mais diferentes contextos de uso, e o estudo sistemático e orientado do texto científico são práticas que podem contribuir para um melhor desempenho linguístico do estudante universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto: língua para estudantes universitários**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Iara. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 1992.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina da palavra: teoria & prática**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. **Leitura: ensino e pesquisa**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore Vilhaça. **A inter-ação pela linguagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas, SP: 1996.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.